# TEXTO A

“A noite lavava as sombras

Das suas pálpebras com a aurora.

Ligeira corria a brisa.

E bebemos! Um vinho velho cor de rubi,

Denso de aroma e de corpo suave.”

Al-Mu’tamid (1040-1095)

# TEXTO B

A fêmea vale mais que o macho pela matéria da sua criação. Esse macho, que tão orgulhoso é, e que tanto domina a fêmea, de que foi ele formado? De um pouco de lama vil e inanimada. Mas a mulher? Oh, sua origem é inteiramente diversa. Seu artesão a fez uma matéria purificada, vivificada e animada; e sendo nossa alma como que um derramamento da essência divina, a mulher pode gabar-se de quase haver saído da divindade. (…) Com efeito, a mulher é uma produção uniforme, inteira, perfeita, completa; não lhe falta o que quer que seja, produção mais acabada, mais concluída do que o homem; porque, enfim, este não tem todas as suas costelas. (…) O homem não é pois, a bem dizer, senão a mais bela obra da Natureza, mas a mulher é a mais perfeita produção de Deus.

Por isso é a mulher vulgarmente mais capaz do esplendor divino que o homem. E está amiúde repleta dele, toda resplandecente. É o que se pode ver pela propriedade e pela beleza admirável da mulher. Pois não sendo a beleza outra coisa que o brilho, que o esplendor da face e da luz de Deus, impressa nos seres materiais, e que neles reluz por essa perfeição natural, a que chamamos *beleza*, daí se deve tirar uma consequência clara, certa, evidente: é que Deus, em prejuízo e para rebaixamento do homem, escolheu a mulher, para permanecer nela, e para a preencher mui abundantemente. (…)

Cornelius Agrippa (1486-1534?5?)

# TEXTO C

Os motivos da baixa de afabilidade e cortesia no mundo são notórios: massificação e engorgitamento urbanos, anonimato crescente, corrida em compita ao êxito, telecomunicações saturadas.

O ritmo vital, acelerando-se, encurtou e embotou a sensibilidade do homem ao próximo, e o tempo reservado às pequenas contemplações, tão naturais nas comunidades e grupos humanos profundamente instalados na tradição e no mútuo. Tudo se faz vertiginoso, e daí desatento ao imediato, ao singular, ao privativo.

O homem da rua anestesiou-se para o desastre alheio; não sente o outro transeunte senão como sombra e obstáculo. Em grupo natural – família ou vizinhança – reagia ao próximo como seu semelhante e afim e até como companheiro: isto é, com bonomia (que quer dizer «de bom homem»), com deferência, com uma certa solicitude.

Agora, reduzido a «massa» (estado inestrutural da sociedade que meu mestre e amigo Ortega Y Gasset universalmente denunciou), embota-se-lhe, ao homem, o sentido do comum e a capacidade do socorro. O dom de dar e tomar do outro a alegria e o gosto de viver encurtou-se-lhe, tolheu-o. Se este estado de coisas, este psiquismo esquizoide de tal ou qual morte de alma (ainda há pouco denunciado num congresso psiquiátrico) é inevitável e forçoso como realidade social decorrente de um câmbio de cultura e de ritmo histórico, podemos todavia, contorná-lo, tentando-lhe atenuantes. A onda do coletivo trava-se com ondas terapêuticas, educacionais, de re-humanização.

Os focos basilares da organização humana – família, escola, oficina, empresa – ainda estão ao alcance de uma vontade forte e esclarecida. O próprio semiautómato da bicha e do transporte coletivo, do trânsito automóvel desenfreado, assassino e suicida, tendendo para o *robot* quando colocado «em situação» no torvelinho diário, na engrenagem brutal que desencadeia a fera ou gera o indiferente, volta a humanizar-se em casa, onde readquire um resto de liberdade que é urgente ajudá-lo a conservar e desenvolver.

Vitorino Nemésio (1902-1978)